

# HABITAR O PÓS-ANTROPOCENO

## Os afetos e seus transbordamentos em um trecho não tamponado do Córrego do Veado em Presidente Prudente/SP

*INHABITING THE POST-ANTHROPOCENE*  
*Affections and their overflows in an unbuffered section of the*  
*Córrego do Veado in Presidente Prudente/SP*

**Vitória Lisiré Passarini<sup>1</sup> e Hélio Hirao<sup>2</sup>**

### Resumo

O artigo compartilha uma apreensão dos afetos compartilhados a partir do habitar na paisagem no contexto do Antropoceno. Investiga sob um olhar Ecosófico, a relação dos corpos que habitam essa paisagem urbana pelas margens semi-preservedas do Córrego do Veado, a partir de um trecho não tamponado. A pesquisa reconhece os desvios e a potência da paisagem na criação de novos significados para o habitar no contexto do Pós-Antropoceno. Estabelece, por fim, um diálogo possível entre outras perspectivas e abordagens do espaço rizomático nesse contexto, ao experimentar a ambiência com os transbordamentos dos atravessamento dos afetos pelos corpos. Através do método da deriva e da cartografia faz-se o reconhecimento desses afetos e seus transbordamentos singulares.

Palavras chave: corpo, Ecosofia, paisagem, cartografia, afeto.

### Abstract

*The article shares an apprehension of the affections shared from living in the landscape. It investigates, from an Ecosophical perspective, the relationship between the bodies that inhabit this urban landscape along the semi-preserved banks of the Córrego do Veado, from an unpaved stretch. The research recognizes the deviations and power of the landscape in creating new meanings for living in the context of the Post-Anthropocene. Finally, it establishes a possible dialogue between other perspectives and approaches to the rhizomatic space in this context by experiencing the ambience with and overflows of the crossing of affections through bodies. Through the method of drift and cartography, these affections and their singular overflows.*

*Keywords: body, Ecosophy, landscape, cartography, affection.*

### Introdução: paisagen O corpo e a paisagem no antropoceno

É o fato de habitarmos a paisagem que nos intriga a pensá-la enquanto um produto do pensamento humano ou ainda um objeto a ser transformado. O Antropoceno, por sua vez, revelou ao homem os efeitos não projetados, que as alterações na paisagem enquanto objeto a seu serviço ocasionam. Tsing (2019), descreve o Antropoceno enquanto a era dos desequilíbrios provocados pelo homem, mas também da resposta feral da natureza e da adaptação das outras formas de vida à ideia de paisagem do ser humano. Ainda Segundo Tsing(2019), “à medida que as infraestruturas industriais e imperiais se espalham, os efeitos não projetados disparam em todo o planeta. Nenhum de nós pode escapar a essa ecologia feiral” (Tsing, 2019, p.8).

Trata-se de uma “vida em ruínas”(Tsing, 2019, p.8), nas quais o homem é convidado pelo meio a refletir sobre seu papel e as suas ações no planeta Terra no qual co-habita junto a outras espécies, e não tem o poder absoluto como se imaginava. Nesse sentido, como se pode imaginar um cenário outro para a vida humana em meio às ruínas deixadas pelo Antropoceno? Como criar uma cosmovisão outra para se habitar física e mentalmente no Pós-Antropoceno?

Diante disso, Krenak (2020) aponta a necessidade de habitarmos outras perspectivas, para além da visão do ser humano de se relacionar com a cosmovisão animal, vegetal, ancestral, da terra, do ar, do solo. De outro modo, para o autor se está apegado pela construção do imaginário coletivo do Antropoceno a uma ideia fixa de retrato da Terra e da humanidade. No entanto, segundo ele, ignora-se o fato de que a terra já possuiu outras configurações “inclusive sem a espécie humana”. Nesse sentido, uma saída possível para refletir-se a vida no contexto do Pós-Antropoceno, passa necessariamente pela resignificação do sentido de habitar o mundo e as paisagens, e oferecer ao corpo a possibilidade de habitar outras cosmovisões a partir disso.

Nesse sentido, para Besse(2013) o conceito de paisagem vai além de um projeto humano, mas diz respeito à forma como se habita o mundo e de se relacionar com as diferentes perspectivas que compõem a paisagem. Em outras palavras, ao se conceber a paisagem como espaço vivido, os modos de agir não se separam dos modos de pensar e agir no espaço físico. Nesse sentido, parte-se da definição de paisagem dada por Besse (2013), na qual a paisagem se constitui enquanto uma “parte inseparável do que constitui a nossa vida e o nosso ser tanto nos planos coletivos como nos individuais”.

Diante disso, o desafio de pensar a paisagem no pós-antropoceno se justapõe ao desafio de transpor os dualismos teóricos e práticos que foram estabelecidos até então. Pensar do ponto de vista do habitar, implica avaliar a relação do homem com a paisagem para além da simples separação entre o corpo e o meio, entre o que é sentido e o que é percebido, entre percepto e afecto. Habitar significa pensar em modos de agir em consonância com o sentir. Ambos conceitos que outrora estiveram separados se fundem no ato de habitar para compor o que chamamos de o ser da paisagem. Trata-se do sentimento de co-pertença: “O homem está no mundo e o mundo está no homem: paisagem é o nome e o local dessa circulação entre homem e mundo, dessa mistura.”(Besse, 2013, p.34).

<sup>1</sup> Aluna de graduação em Arquitetura e Urbanismo e bolsista PIBIC do programa de iniciação científica da Faculdade de Ciências e Tecnologias FCT - UNESP Universidade Estadual Paulista, Campus de Presidente Prudente.

<sup>2</sup> Professor Assistente Doutor do Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente da FCT-UNESP. Professor do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC-UNESP). Coordena o Grupo de Pesquisa “Projeto,Arquitetura e Cidade”.

É justamente a metáfora da produção e o dispositivo de pensamento e de ação que deveríamos questionar aqui é analisar.[...] Paisagens são locais nos quais estamos inseridos, antes de serem objetos de contemplação ou de criação. Nós habitamos as paisagens, **não nos satisfaz observá-las com um olhar distraído ou desconcertado. Não nos satisfaz querê-las ou querê-las transformar.** (Besse, 2013, p. 35).

A respeito das novas práticas sob a paisagem, Besse (2013) destaca que é no âmbito do viver que podemos obter tais respostas. Nessa perspectiva, propõe-se a ideia de uma Ecosofia (Guattari, 1990) como motivadora de novos agenciamentos existenciais que visem a ressingularização da vida. Tecer uma (eco)lógica cujo objetivo seja a ressingularização dos corpos, das ideias, de políticas, das paisagens e do significado que damos à ela.

A Ecosofia parte do princípio comum à ecologia ambiental, conecta-se de infinitos modos com o meio em que se vive. Não se pode, por exemplo, imaginar um animal vivendo isolado do seu meio, quando esse animal é extinto leva consigo parte do mundo da qual faz parte. Em outras palavras, não há uma hierarquia nas relações ecológicas, apenas partes de um rizoma que se estendem ao infinito.

Não existe hierarquia de conjunto que aloja e localize num dado nível os componentes de enunciação. Estes são compostos de elementos heterogêneos tomando consistência e persistência comum por ocasião de passagens de limites constitutivos de um mundo em detrimento de outro. Os operadores dessa cristalização são fragmentos de cadeias discursivas a-significantes que Schlegel comparava a obras de arte (“Semelhante a uma pequena obra de arte, um fragmento deve ser totalmente destacado do mundo ambiente e fechado sobre si mesmo como um ouriço”) (Guattari, 1990, p. 39).

Tem-se uma saída possível não apenas para os problemas práticos do mundo real, mas também para uma subjetividade global, que parece congelar-se diante de uma produção da existência essencialmente material. Desse modo, “Uma finalidade do trabalho social regulada de maneira unívoca por uma economia de lucro e por relações de poder só pode, no momento, levar a impasses dramáticos”(Guattari, 1990, p. 9). Vive-se hoje, em todas as dimensões, físicas e não-físicas, os dilemas decorrentes de uma progressiva homogeneização e congelamento das formas de ser e estar no mundo. A questão que se coloca, portanto, é: como se pode, a partir do corpo e da paisagem, reinventar as nossas formas de ver, ser e estar no mundo? Como então, a partir da realidade dada, habitar novos modos de ser e agir amparados pelo sentir e não mais pelas antigas vias que apartam os conceitos de sentir e agir?

### **Paisagem ecosófica (ou corpo ecosófico)**

Para habitar-se uma paisagem ecosófica, é preciso habitar também um corpo ecosófico. O corpo é a paisagem e a paisagem é o corpo, é através dessa coexistência que se habita o mundo. Antes de discorrer sobre as características de paisagem ecosófica, cabe estabelecer de qual corpo se está falando aqui.

O corpo em questão, é o corpo físico capaz de sentir as texturas do mundo, mas funde-se a ideia de um corpo imaterial, ou um Corpo sem Órgãos (Deleuze, G.; Guattari F., 2010). Esse corpo é criado através de processos, é por si só, maleável e adaptável às exigências do cotidiano (mas nunca completamente, pois sempre há uma parte que

resiste). Esse mesmo corpo, sempre ligado ao entorno, possui a habilidade de abrir-se e fechar-se conforme os estímulos que o envolvem. É possível então, a depender dos estímulos que o meio oferece, ligar um *modus operandi* de ser e estar relacionado ao mundo físico que o rodeia. Andar depressa, evitar lugares, ou ser atraído por eles, todas formas de resposta (consciente ou não).

Fechado em si mesmo, cujo caminhar “não é vivido senão como uma simples locomoção” (Besse, 2013, p.50). O indivíduo torna-se passageiro no seu próprio corpo. Diante de um espaço que se fecha o corpo maleável, torna-se então resistente e passivo ao mundo que o rodeia. A conexão corpo-ambiente torna-se rasa, passiva.

O corpo ecosófico, por sua vez, abre-se ao mundo, não se permite ser manipulado por uma produção de subjetividade coletiva de mídia (Guattari, 1990). Com isso, afasta de si ideais unificadores. Expulsa qualquer ideia de resgate, não há nada a ser resgatado, o corpo é o que sempre foi, não precisa ser trazido para dentro das concepções modernas. Trata-se do corpo-corte em contrapartida ao corpo-planta do espetáculo, esse evidencia as relações de *sentido* entre as coisas, as microrugosidades da relação corpo-espaço, uma vez que “existem inúmeras outras maneiras de existir que se instauram fora da consciência” (Guattari, 1990, p.17).

Já o corpo-planta é tomado pelo espetáculo, vivendo à superfície dos cenários criados por esse. Habita o espaço apenas como um passageiro em si, como quem habita uma folha de papel em branco, lisa, planificada e setorizada. O corpo ecosófico, por sua vez, aproxima-se do conceito criado por Deleuze e Guattari (2010) de Corpo sem Órgãos:

Ele é o “limite do corpo vivido”, “limite imanente”(MP,186,191) na medida em que o corpo incide nele quando atravessado por “afetos” ou “devires” irredutíveis aos vividos fenomenológicos. Ele tampouco é um corpo próprio, já que seus devires desfazem a interioridade do eu (MP, 194 200, 203). Impessoal, nem por isso deixa de ser o lugar onde se conquista o **serne próprio**, numa experiência que excede o exercício regulado e codificado do desejo “separado do que ele pode”. Se o CsO<sup>3</sup> não é o corpo vivido, mas seu limite, é porque remete a uma potência invisível como tal, a de um desejo sempre em marcha e **que nunca se deteria em formas**: a identidade produzir-produto [...]” (Zourabichvili, 2004, p.14). Grifo do autor.

O corpo ecosófico tem em comum com o CsO, o conjunto de práticas que o torna livre de uma setorização e conquista com isso a sua identidade própria, uma subjetividade única. A identidade do CsO é produzida à medida que se vive, constituído de devires que não se resumem aos devires dados pela medicina, filosofia, geografia e etc. O CsO é rizoma (Deleuze; Guattari, 2010).

O rizoma, por sua vez, não possui começo nem fim, apenas uma trama de raízes que compõem o todo através de suas partes. Almeja-se atingir através desses conceitos o corte-bifurcação (Guattari, 1990, p. 41), isto é, o momento no qual as possibilidades de pensamento, de criação, de ser e estar no mundo não tem fim, a cada novo encontro uma bifurcação de caminhos possíveis é criada, como num rizoma. Em outras palavras, o corpo passa a operar através da ressingularização, da conquista do subjetivo, do

<sup>3</sup> CsO é a abreviatura de Corpo sem Órgãos.

\*De acordo com Zourabichvili(2004), os autores Deleuze e Guattari(2010) utilizam a abreviação do conceito como um mecanismo de defesa, a fim de preservar seu sentido operando em uma zona de profundidade e manter a natureza entre corpo e palavras, e de toda forma perdida.

múltiplo, do único, incapaz de ser aplainado, simplificado, domesticado.

Da mesma forma, pensar uma paisagem ecosófica, é pensar em uma paisagem bifurca, que se abre junto ao corpo à medida que amplia possibilidades de penetração, de troca, de criação de universos corporais e incorporais (Guattari, 1990) infinitos. É a transversalidade da paisagem que permite pensá-la junto ao corpo, funcionando em unísono para formar o sentido do habitar.

### Como surge o corpo ecosófico ?

É através dos agenciamentos da paisagem que esse corpo ecosófico pode emergir. O corpo ecosófico surge dentro dos processos existenciais de ruptura (dentro e fora de si) com padrões pré-estabelecidos. Não se trata de um corpo já pronto, setorizado, como o corpo ortogonal da medicina, da biologia, da química e das ordens psi. Assim como o CsO, o corpo ecosófico é criado à medida que existe, é potência em ação! São os afetos do mundo que penetram os poros desse corpo e passam a fazer parte dele transformando-o. Não se trata mais de uma parte inerte ao mundo, mas cuja existência está imbricada até o último fio de existência ao mundo. Esse corpo é criado à medida que caminhamos e experimentamos o mundo em sua multiplicidade.

Nesse contexto, destaca-se a importância do caminhar não apenas como forma de deslocamento, mas como uma fonte geradora do sentido da vida! De acordo com o autor, é no caminhar que constituímos nossos universos existenciais nos quais “O corpo vivo é o centro dos afetos, o centro e o receptáculo das espacialidades afetivas” (Besse, 2013, p.47). Desse modo, tem-se o corpo como a principal ferramenta para aprender o mundo e os afetos.

O autor defende ainda a ideia de um espaço urbano pensado em termos da plasticidade, tanto da paisagem quanto do corpo que a habita. Para o autor, o espaço da paisagem constitui diversos regimes de espacialidades distintas: regimes verticais, horizontais, laterais, frontais, etc, que podem ou não ter algum tipo de relação entre si. É através do caminhar que experimentamos a natureza fluida do espaço em seus diferentes ritmos. Nesse sentido, o caminhar se contrapõe à uma visão estática e totalizadora da paisagem, criticada por Besse (2013) enquanto uma “Visão do Estado” ou “Olhar de Deus”.

Nesta perspectiva, o autor coloca que é preciso criar novos hábitos em relação ao espaço geográfico, a fim de não mais considerá-lo como um absoluto, como um “quadro globalizante”, neutro, “no interior do qual é metida toda a realidade, os mundos, os homens etc”. Mas pensá-lo como o espaço da vida onde a vida acontece. E, também, compreendê-lo enquanto a base que constitui a porosidade do corpo através dos sentidos. Nesse sentido, o autor convida a repensar a base dos conceitos teóricos traçados até então sobre o espaço geográfico diante de tais pontos de vista.

É nesse contexto que este estudo se desenrola. Busca-se compreender a paisagem caminhando! E, através das diversas formas do sentir proporcionadas pela mesma. Utilizando-se do método da deriva cartográfica, objetiva-se apreender os transbordamentos da paisagem. Isto é, visa-se identificar e reconhecer as relações invisíveis que extrapolam os limites do urbano através de uma natureza que resiste e explode a racionalidade imposta à medida que existe! Os afetos do lugar atravessam o corpo, penetrando-o e o convidando a resistir também! O recorte espacial aqui estudado instiga o corpo através dos sentidos, convida-o a fazer desvios, a habitar mentalmente e fisicamente o espaço, e não mais a se comportar como um peão que flutua sobre as linhas imaginárias do espaço urbano planejado.



Figura 1- Cartografia afetiva Vale do Córrego do Veado. Fonte: autor (2023).

### Deriva e cartografia

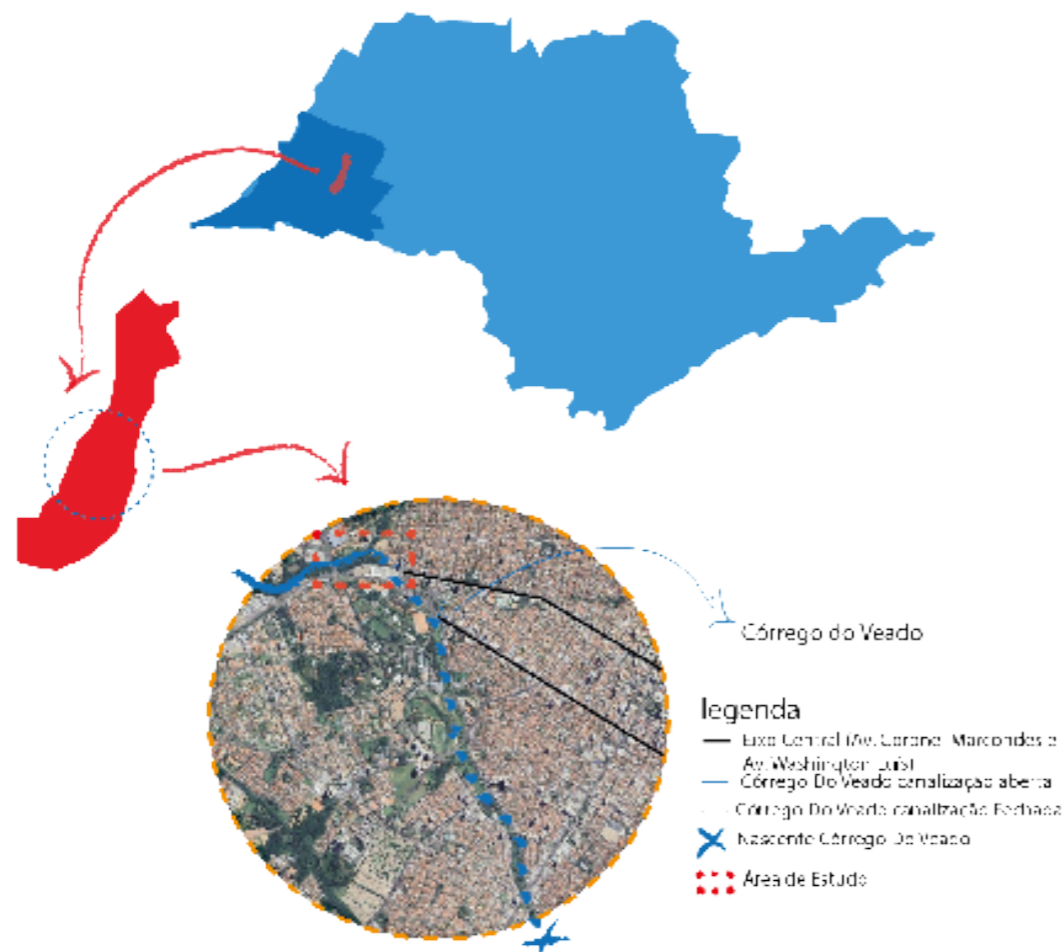
O estudo a seguir, se distancia por um momento da imparcialidade científica. Os objetivos da deriva e do método cartográfico somam-se à ecosofia: É preciso (re) singularizar! Desde o corpo, aos hábitos, até a experiência do habitar, não somente a paisagem mas a vida como um todo! Por isso, esta pesquisa caminha entre os desvios, atrás das linhas soltas, das pistas que revelam a aproximação com o real significado do habitar. Enfim, caminha-se em direção ao singular.

O ato da deriva acontece quando o pesquisador caminha sem um rumo pré-definido, é a atenção responsável por traçar o objetivo à medida que se caminha (Passos; Barros, 2015). De acordo com Kastrup (2015), durante o processo da deriva o pesquisador põe em funcionamento dois tipos de atenção: O primeiro tipo se trata da atenção flutuante, o conceito criado originalmente por Sigmund Freud contempla uma espécie de plano geral da atenção. Ela não se prende a nada, a princípio, e se conecta com tudo ao redor na mesma intensidade. Já o segundo tipo, descrito originalmente por Henri Bergson, é o conceito de reconhecimento atento.

Kastrup (2015), compara os dois tipos de atenção ao voo de um pássaro. O momento do sobrevoo se compara à atenção flutuante, enquanto o momento do pouso se iguala ao reconhecimento atento. Este último, por sua vez, representa o momento em que algo chama a atenção do pesquisador e ele desce em pouso a sua atenção ao fenômeno específico. Trata-se de visões diferentes: uma visão angular mais aberta, e uma forma de zoom, uma janela aberta para averiguar os processos de forma minuciosa.

Já a cartografia (Figura 1) trata-se de um método de registro, formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) que visa acompanhar um processo, e não apenas representar um objeto. De acordo com Kastrup (2015) “a cartografia como método de pesquisa é o traçado desse plano da experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso (singular) da investigação” (Kastrup, 2015, p.18).

Figura 2 - Córrego do Veado na malha urbana de Presidente Prudente/SP. Fonte: autor (2023).



A cartografia e a deriva subvertem a ideia de método científico e se aproximam da antiga arte do flunar, das errâncias urbanas e do relato. Para Passos; Barros (2015, p. 30) “o pesquisador cartógrafo mergulha no plano da experiência, lá onde conhecer e fazer se tornam inseparáveis, impedindo qualquer pretensão à neutralidade ou mesmo suposição de um sujeito e de um objeto cognoscentes prévios à relação que os liga”. De acordo com os autores, ambos cartógrafo e objeto fazem parte de um mesmo plano implicacional do conhecimento e, mais do que articulados em razão dele, ambos constituem-se mutuamente através do plano. Por esse motivo, a deriva cartográfica é considerada um método-intervenção de fazer ciência.

Em relação ao relato, Guattari (1990) explica que é através deste que as informações mais antigas da história da humanidade foram perpetuadas ao longo do tempo, antes mesmo de existirem formas físicas de registrar a informação a ser passada adiante. Dessa forma, o autor cita Walter Benjamin como fonte para compreendermos a diferença entre o relato e a informação pura:

Quando a informação se substitui à antiga relação, quando ela própria cede lugar à **sensação**, esse duplo processo reflete uma crescente **degradação da experiência**. Todas essas formas, cada uma à sua maneira, se destacam do relato, que é uma das mais antigas formas de comunicação. A diferença da informação, o relato não se preocupa em transmitir o puro em si do acontecimento, ele o incorpora na própria vida daquele que conta, para comunicá-lo como sua própria experiência àquele que escuta. Dessa maneira o narrador deixa nele seu traço, como a mão do artesão no vaso de argila (Guattari, 1990, p. 53 *apud* Walter Benjamin, *Essais 2*, trad. Maurice de Gandillac. Paris, Denoël, Gonthier, 1983, p. 148).

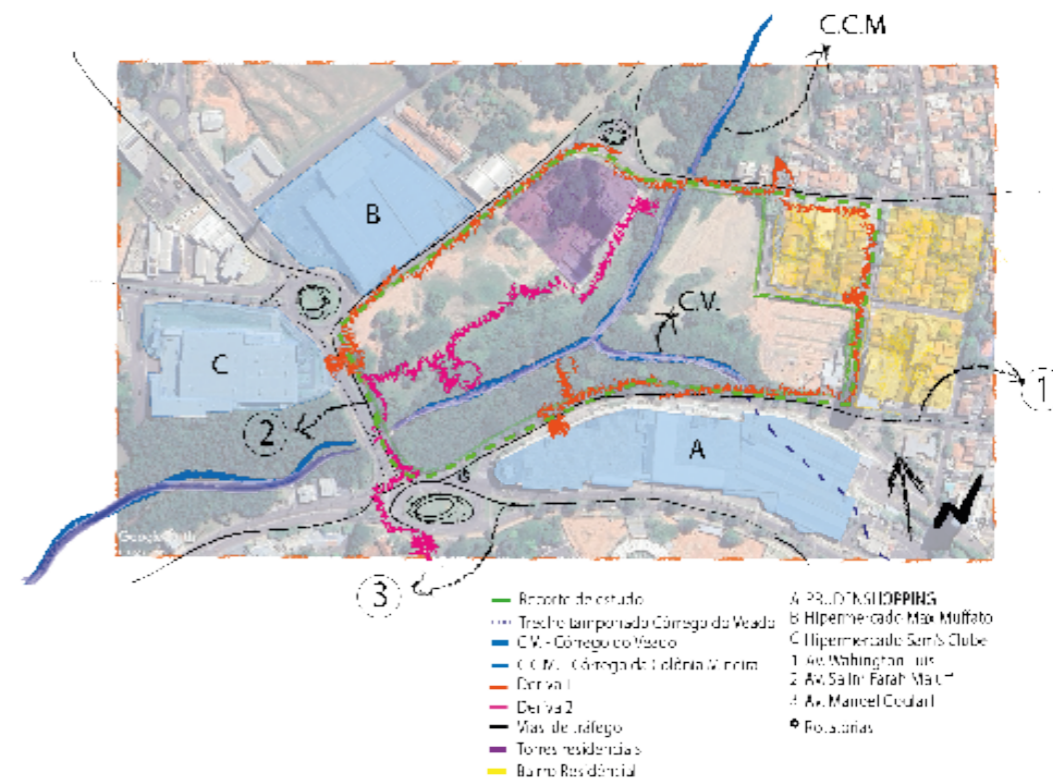


Figura 3 - Mapa Área de estudo. Fonte: autor (2023).

Nesse sentido, o método aqui empregado visa absorver não apenas a informação pura, pois isso seria separá-la do universo relacional com a qual ela está implicada. É através da especificidade dos relatos e das experiências pessoais na área em questão que este estudo assimila os transbordamentos do espaço e do corpo. De outra maneira, é através das experiências únicas e individuais que o significado múltiplo transparece e transborda o plano físico que lhe é dado. Por meio do relato expressa-se o que foi sentido, marcado, incorporado através da paisagem à qual pertence.

Assim, a fim de abarcar diferentes perspectivas diversas derivas foram realizadas no ano de 2023, em horários variados e conversando com pessoas que por ventura estivessem dispostas a trocar histórias através dos relatos. Entretanto, para fins didáticos, a experiência vivida junto à área ao longo do ano será resumida na forma de duas derivas. A primeira realizada no dia 28/06/2023 e outra realizada no dia 29/06/2024, ambas no período vespertino e foram georreferenciadas.

### Transbordamentos

A perspectiva descrita a seguir é a do corpo feminino, jovem e cujo caminhar é uma rotina necessária. Trata-se de um caminhar pela cidade que por vezes é apressado e demasiado atento às possíveis situações de risco na cidade. Este estudo provém de um processo cartográfico resultante do habitar (extrangeiro) do Vale do Córrego do Veado em Presidente Prudente-SP (Figura 2). A área de estudo se trata de um terreno onde ocorre o encontro das águas do Córrego do Veado e um de seus afluentes, o Córrego da Colônia Mineira. O terreno (Figura 3) fica localizado no coração de um importante nó comercial da cidade: Conecta o novo centro comercial da cidade ao antigo no quadrilátero inicial urbano, cercado por importantes avenidas que conectam e redistribuem o fluxo a outras partes da cidade, são elas: Av. Coronel Marcondes, Av. Washington Luis (eixo com o quadrilátero central) e Av. Salim Farah Maluf (eixo com outros nós da cidade).



O início da urbanização da cidade se concretiza, a partir da implantação da estrada de Ferro Sorocabana ocupando a cumeeira do divisor de águas das Bacias Hidrográficas do Rio do Peixe (à oeste) e Santo Anastácio (à leste) (Fagundes, 2018; Francisqueti, 2020; Silva et Gouveia, 2017; Pedro et Nunes, 2012; Francisco, 2015). O crescimento da malha urbana ocorre, portanto, sob uma rica malha de nascentes, córregos e fundos de vale, sob as quais ocupou quase sempre de maneira sobreposta, como se ocupasse uma folha de papel em branco. O relevo menos acidentado a oeste apresentou maior facilidade à ocupação pela malha urbana. De modo que, o principal eixo comercial da cidade escorreu da cumeeira central até junto ao leito por onde corre o Córrego do Veado completamente tamponado desde a nascente. Sendo possível apenas sentir a sua presença que escapa através de respiradouros ao longo do Parque do Povo, e nos dias de cheia que inundam completamente o fundo do vale.

O início do tamponamento do córrego para dar origem ao Parque de maneira sobreposta, se deu através do projeto Federal CURA I, II e III (Francisqueti, 2020) de incentivo a políticas de urbanização e saneamento urbano. No entanto, os projetos de invisibilização das águas urbanas já aconteciam na cidade antes com os afluentes do córrego do Veado, sob a justificativa de que estes representavam risco à saúde das populações que chegavam antes mesmo do poder público para habitar as áreas de fundo de vale, sem qualquer tipo de infraestrutura.

Outra justificativa utilizada pelo poder público, era a “falta de educação” da população que despejava lixo e esgoto junto aos córregos. No entanto, apenas a partir de 2008 a cidade passou a oferecer tratamento de água e esgoto para toda a população (Fagundes, 2018). A partir disso, deu-se início a uma nova política urbana: a de cercamentos com grades e arame farpado das Áreas de Proteção Permanente que ainda não haviam sido dizimadas pelo próprio poder público, ou recebido versões menores do Parque do Povo, sempre com as mesmas características: tamponamento por lajes de concreto sobre o córrego, aparelhos de ginástica genéricos e poucas ou nenhuma árvore.

Desse modo, após o trecho sob o Parque do Povo, o córrego segue pelo subsolo do principal shopping center da cidade (Prudenshopping) até desaguar na área que este estudo acontece. Neste lugar (Figura 4), a presença da água pode ser sentida antes mesmo de ser vista. Imediatamente quando irrompe do subsolo, o vapor quente e pesado da água que emerge das árvores possibilita sentir o córrego antes mesmo de vê-lo.

#### Deriva 1 (28/06/2023)

À medida que se caminha pelos odores e sons da Av. Washington Luís em direção a Av. Salim Farah Maluf a atmosfera densa vai sendo dissipada, junto com o paredão maciço de árvores. E, de repente, pelas frestas é possível avistar a água correndo pequena e rápida. Refletindo o seu movimento à quem passa através das pequenas ondulações que rebatem a luz (Figura 5).

Neste trecho, sob a ponte da Av. Salim Farah Maluf (Figura 6) as águas do Córrego do Veado já foram diluídas pelas águas do seu afluente, que agora seguem juntas. Para ficar face a face com o córrego, é preciso ficar na ponta dos pés (caso você tenha até 1,65m) e colar o corpo junto ao muro da ponte para vê-lo correr lá embaixo, sob o concreto liso da canalização. Sem as grades, é possível ver e sentir as árvores à beira da canalização que “explodem” em verde livre, emoldurando a perspectiva linear do córrego e ao mesmo tempo unindo-o ao céu de tom quase sempre azul vivo e laranja forte quando enquadra o sol ao entardecer.

É ali que tudo acontece, sob aquela ponte, a natureza instiga, incita, convida, mostra que está viva! Resistente a todos os projetos a qual já foi submetida. Alguns corpos percebem o chamado e deixam ali a sua marca em forma de grafite, a fim de chamar a atenção de outros tantos corpos. Após a explosão de liberdade do olhar sob a ponte,

Figura 5- Da esquerda para a direita: início da ponte na Av. Salim Farah Maluf, vista da calçada na Av. Salim Farah Maluf, Córrego do Veado sob a ponte, Av. Washington Luís, Córrego do Veado visto através das grades sob a ponte. Fonte: autor (2023).



Figura 6 - Ponte na Av. Salim Farah Maluf sob o Córrego do Veado. Fonte: autor (2023).

as grades de arame farpado voltam à paisagem por um breve momento. Até dar lugar a uma abertura nas grades em forma de portão. Oficialmente, o convite está feito. Para os corpos que não se contentam em ver de longe, ver de cima. A curiosidade foi aguçada, agora não tem volta, é preciso ver de pertinho, adentrar no território (Figura 7): que cor tem a água? que cheiro ela tem? que gosto ela tem? que tato ela tem?

Penetrar em território desconhecido e cheio de mato não foi das tarefas mais simples. Durante as primeiras derivas, contou-se com a colaboração de amigos que pudessem ajudar em caso de alguma “enrascada”. À medida que o portal e a calçada são deixados para trás em direção ao território a ser explorado, uma nova realidade se materializa bem diante dos olhos. O silêncio predomina. O caos da cidade é apenas lembrado pelo som abafado dos carros ao fundo. A sensação ali é a de ser transportada instantaneamente a uma outra realidade, paralela à cidade que a envolve.

Inicialmente, a atmosfera do lugar é a de um grande espaço aberto e fundo em relação à calçada de fora. Partindo do portal, o terreno cai suavemente em direção ao córrego, e na borda esquerda o terreno é íngreme e ladeado por colônias e diferentes tipos de árvores grandes, como o Pau-Ferro, algumas Mangueiras largas, Pinheiros e até mesmo uma Araucária, dentre outras. À medida que se caminha para dentro do terreno, a sombra das árvores fica para trás e o sol forte reina novamente sob o imenso espaço coberto apenas por grama e alguns pequenos conjuntos de arbustos e árvores pequenas. Nesse trecho algumas pistas já indicam que alguém habita ali, contrariando toda e qualquer restrição subliminar do lado de fora. Roupas, calçados, papelão, pegadas na lama seca, caminhos dos desejos no mato e um chapéu de cowboy (Figura 8). Definitivamente alguém está colonizando aquele trecho também. Após esse trecho aberto, o espaço volta a se fechar em atmosfera à medida que o córrego vai ficando próximo. O sol encontra novamente a copa das árvores e o corpo o mato alto. A penetração vai ficando cada vez mais complexa à medida que se caminha. Os caminhos não são mais óbvios, o corpo agora é que os traça um passo de cada



Figura 7 - Adentramento: cartografia de Forças e Afetos. Fonte: autor (2023).

vez. Vários zigue-zagues são feitos tentando chegar até a borda do canal e desviar do mato muito alto pelo menos alto. Fomos “despreparados”, sem nenhum instrumento para abrir o mato, ou para se defender de animais que não apareceram em momento nenhum, com exceção de alguns pássaros. Neste trecho a atenção aberta deu lugar ao foco absoluto: é preciso traçar o melhor caminho pelo mato sob as nossas cabeças, com atenção para não tropeçar ao pôr o pé onde se quer via-se com clareza. Depois de alguns minutos lutando com o capim grosso, finalmente avista-se a água, ainda distante.

Cabe ressaltar ainda que, entre o início da APP e o restante do terreno não há separação. Esta já havia sido feita do lado de fora, com as grades dividindo o dentro e o fora, o que o corpo pode e o que ele não pode. Não se deve apropriar dessa Área, ela já possui dono, e ele é quem decide o que vai ser preservado ou não, independente se público ou privado. Ao conviver com o córrego e conhecer a sua história através da cidade, percebe-se que ele já serviu a diferentes propósitos ao longo do tempo, mas nunca do ponto de vista da sua essência, do devir água, criador das mais diversas formas de vida, engajador de universos existenciais inteiros. Mas, sempre transmutado para caber em algum tipo de projeto da paisagem: “revitalizado” nos termos da atualidade e do espetáculo que insiste em vender a visão de cima, da sacada do apartamento que emoldura a paisagem do Córrego do Veado seja na forma de parque, seja na forma de mato indulgente. O importante é que a lei assegura que ele permanecerá ali para sempre, imutável.

Mas, de volta à deriva, após a densa camada de capim alto, a paisagem muda. Agora as Leucenas (Figura 8), uma espécie de leguminosa invasora, dominam a paisagem até a borda do paredão de concreto do canal. Para chegar mais perto da água é preciso ainda descer mais cinco metros de barranco. A terra fofa e as voçorocas são comuns e avisam onde o solo já cedeu devido a força da água. Finalmente, cara a cara com a água, é possível ver o que a visão de cima não permitiu ver: A copa das



árvores repletas de sacolas plásticas coloridas presas na ponta dos galhos, roupas e até um colchão(Figura 9). A hipótese é que a água as tenha colocado ali em dias de cheia. Já no centro do canal há um jardim tropical, produzido pelo próprio tempo sob a ilha de sedimentos que se formou. De cima não fazia sentido, pareciam dois canais separados, com um espaço de terra no meio. Nessa pequena ilha, crescem diversas espécies como Samambaias e árvores de pequeno porte. As árvores próximas à borda abraçam o córrego formando arcos em ambas as suas margens.

Ao seguir o curso do córrego a norte, foi possível ver o ponto exato de mistura das águas: do lado do Córrego do Veado uma água esverdeada e carregada de algas, já o Córrego da Colônia Mineira despejando uma água transparente e sem o mesmo odor forte que outrora sentido do lado do Córrego do Veado. Por fim, a deriva termina no ponto em que começa a construção das torres residenciais imediatamente ao lado da APP do Córrego da Colônia Mineira. Neste trecho, todo tipo de lixo da construção civil é encontrado se espalhando pelo chão. Gotas de concreto sobre as plantas, canos de drenagem apontando diretamente para o córrego, pilhas e mais pilhas de rejeitos da construção ultrapassam a altura dos tapumes colocados entre a obra e o acesso de quem passa por fora. A transição antes suave da rua à mata, acontece apertada nesse trecho entre as torres de cinquenta metros de altura e o seu muro de vinte metros e o nível do solo e das árvores, a sensação é esmagadora. A partir desse ponto não existem outras saídas a não ser voltar todo o caminho até a entrada.

Figura 8- Cartografia Rizoma, Córrego do Veado. Fonte: autor (2023).



#### Deriva 2 (29/06/2023)

A deriva (Figura 10) realizada no dia seguinte aconteceu pelo lado de fora do terreno. Iniciou-se a caminhada em frente ao Prudenshopping e seguiu-se para leste, na Av. Washington Luís. Novamente o vapor quente e o cheiro forte tomaram conta da caminhada por todo o percurso nessa avenida. Neste trecho, onde a Área de Preservação do Córrego do Veado encontra seu limite junto à avenida, é o local com maior depósito de lixo jogado por dentro das grades de todo o caminho realizado. Existem ainda alguns latões de lixo nesse trecho, junto com placas de aviso de “Área de Preservação”.

Já no final desse trecho onde a Avenida encontra com a esquina ao norte, as grades transparentes dão lugar a grandes tapumes azuis, a visão do interior é completamente vedada exceto pela água que escorre sob o concreto fresco da calçada. É próximo a esse ponto que o córrego sai do subsolo do shopping e é despejado no canal. Em uma pesquisa posterior à data da deriva verificou-se que neste local (vedado pelos tapumes azuis) funcionava o antigo estacionamento do shopping, e que atualmente receberá um conjunto de torres residenciais.

Ao virar a esquina da Av. Washington Luis com a Rua Panamá ao norte, foi preciso realizar um pequeno desvio por dentro do bairro residencial adjacente ao terreno. Já na rua José Alfredo da Silva, a rua mais ao norte da área de estudo, foi possível identificar o outro lado do Córrego da Colônia Mineira, isto é, o trecho anterior ao limite do terreno deste estudo. A natureza explodia novamente sob a ponte na direção a cabeceira do córrego. Desta vez, o desnível entre o nível da ponte e o leito do córrego facilmente chega a vinte metros. Aqui o córrego também possui sua perspectiva retilínea valorizada pelo maciço de árvores que conecta o fundo do canal ao céu. A sensação que se tem junto à ponte, é a de estar também suspenso entre o céu, o mar de árvores e o leito do córrego.

Figura 9- Da esquerda para a direita: Colchão, jardim espontâneo, pistas deixadas por quem habita o lugar, córrego do veado, chapéu de cowboy encontrado durante a deriva. Fonte: autor (2023).



Em contrapartida, do outro lado da ponte, no sentido da direção do terreno (à jusante do córrego da colônia mineira) a vista já tomada pela torres residenciais dentro do terreno, davam a impressão de um “buraco” entre o fim da APP e o muro das torres, uma vez que este descia diretamente até o nível do solo dentro do terreno, sem conexão com a rua. Da esquina norte do terreno na mesma rua, tem-se uma visão panorâmica do fundo de vale, agora parcialmente coberta pelas torres citadas. Por fim, a deriva foi finalizada em frente ao portão frontal do terreno.

Além das diversas derivas realizadas, dentro e fora do terreno, buscando novas formas de entrar e sair, bem como as diferentes perspectivas sobre o lugar, foram realizadas entrevistas no ponto de ônibus com os *habitantes* do lugar. Os relatos mostram a perspectiva que quem habita o fora: “Medo de ficar aqui a noite? Eu tenho medo mesmo é se tiver um acidente aí na avenida a gente não tem pra onde correr aqui no ponto de ônibus”, “Eu nem ousa passar aqui à noite!”, “Esses moradores de rua que ficam ali no sinaleiro já vieram de graça uma vez e eu chamei a polícia”, “Uma vez precisei ajudar uma moça que tropeçou na calçada e “rasgou”(cortou) o braço inteirinho nesse arame farpado aqui ó (apontou um buraco de arame retorcido na direção da calçada), eu tive que dar a minha blusa pra ela enrolar o braço até o socorro chegar”. As experiências urbanas marcam o corpo e a imaginação daqueles que a habitam.

### Conexões

Por fim, tudo isso se trata, como aponta Guattari (1990), “[...] da produção de existência humana em novos contextos históricos” (no antropoceno, pós-antropoceno, no pós-do-pós e etc). Se no antropoceno o homem é o centro, no período que se segue o homem é borda, o corpo vira transbordamento da razão. É o nó que transborda todas as relações do rizoma. No pós-antropoceno o corpo humano ganha destaque como palco dos acontecimentos do mundo. Não um corpo humano que vive para consumir,

que apenas existe dentro de si, mas um corpo humano, que ecosófico e desconstruído está ligado ao mundo através dos processos que ocorrem dentro e fora de si, dos afetos, porque se entende como parte deles, não como uma razão que paira inerte sobre o mundo. Os sentidos não são para sobrevivência mas, sim, para permitirem o adentramento do mundo no corpo e circular no seu interior.

Diante dessa perspectiva, a paisagem se coloca como centro de todas as mudanças. Entra pelos poros dos corpos e os transforma de dentro para fora, é o dispositivo ecosófico “capaz de operar no sentido de uma re-singularização individual e/ou coletiva” (Guattari, 1990, p.15). O dispositivo capaz de reconfigurar os corpos sejam eles naturais, existenciais, de carne e osso ou de água, operados pela matéria do urbanismo como peões flutuantes sobre um tabuleiro raso. O jogo da cidade será jogado no pós-antropoceno pelos corpos que ousarem virar do avesso, andar de mãos dadas com a loucura. Loucura essa de irromper com as linhas rígidas do concreto, loucura de adentrar às “áreas reservas” da cidade, e se perguntar: “Reservadas à quem?”. Como averiguado por esta pesquisa, esta natureza não é reservada à qualidade de vida na cidade, à construção do habitar em comum à natureza, à liberdade dos corpos, do criar ecosófico. Mas permanece enquadrada, presa, restrita à moldura das janelas, das grades, das pontes.

A paisagem e sobretudo a natureza tem o imperativo de captar o desejo dos homens, cabe ao corpo apropriar-se do próprio desejo, usurpado pelos mecanismos de controle: Urbanismo, Cultura de Massas, Espetáculo, Capital, Razão e etc. A paisagem é centro motriz de todas as mudanças necessárias, das revoluções corporais, da ruptura com o primado da informação. União entre os conceitos razão e emoção historicamente apartados de sua existência una. A paisagem é onde tal encontro acontece, sente-se e vive-se o espaço ao mesmo tempo. É através da Ecológica que tal pensamento enraíza nos corpos e torna qualquer pretensão de mudança uma falácia sentida primeiro através dos sentidos, Habitar é sentir, é apropriar-se, tomar o mundo para si, reconfigurá-lo a sua maneira particular. Não se pode, portanto, pensá-la através dos antigos dispositivos do espetáculo e da irracionalidade de uma vida separada dos seus Afetos.

### Agradecimentos

a bolsa PIBIC REITORIA UNESP que está possibilitando o desenvolvimento da pesquisa.

### Referências

- BESSE, J. Estar na paisagem, habitar, caminhar. In CARDOSO Isabel L. *Paisagem Patrimônio*. Porto: Dafne Editora, 2013.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*.V.1. Tradução: Aurélio G.N.; Célia P. C. 1. ed. São Paulo: 34, 1995.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. *O anti-édipo: Capitalismo e esquizofrenia 1*. Tradução: Luiz B. L. O. 1 ed. São Paulo: 34, 2010.
- FAGUNDES, B. *As águas da cidade de Presidente Prudente- SP - Brasil: Memória e representação social*. Tese (Doutorado)- Curso de Geografia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Faculdade de Ciências e Tecnologias, Presidente Prudente-SP, 2018.



FRANCISCO, A. M. A EFS como linha de penetração para a ocupação da Alta Sorocabana In: FIORIN, E.; HIRAO, H. (Orgs.). *Cidades do Interior Paulista: Patrimônio Urbano e Arquitetônico*. 1 ed. Jundiaí: Paco Editorial: Cultura Acadêmica, 2015, v.1, p. 81-106.

FRANCISQUETI, G. V. *Rios, cidade e espaços livres em Presidente Prudente -SP: a bacia hidrográfica do Córrego do Veado*. Dissertação (Mestrado). Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2020.

GUATTARI, F. *As três ecologias*. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PASSOS, E.; BARROS. Pista 1: A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PEDRO, L. C. NUNES, J.O.R. A relação entre processos morfodinâmicos e os desastres naturais: uma leitura das áreas vulneráveis a inundações e alagamentos em Presidente Prudente-SP. *Caderno Prudentino de Geografia*, Presidente Prudente, n. 34, v.2, p.81-96, ago./dez. 2012.

SILVA, N. R.; GOUVEIA, I. C. M. 100 anos de urbanização e transformações na bacia hidrográfica Córrego do Veado, Presidente Prudente (SP). *Espaço Revista*, v.19, n.1, jan/jun 2017, p 21-37.

TSING, L. A. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno*. Edição Thiago Mota Cardoso, Rafael Victorino Devos. — Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

ZOURABICHVILI, F. *O vocabulário de Deleuze*. Tradução André Telles, Rio de Janeiro: Ifch-unicamp, 2004.